



TTT – TEORIAS Y TECNOLOGYAS TRAVESTYS: Cultura Ballroom y Performance Voguing

TTT – TRAVESTY THEORIES AND TECHNOLOGIES: Ballroom Culture and Voguing Performance

Whander Allípia Sulurico¹

(Universidade Federal de Uberlândia)

RESUMO

Este trabalho investiga como, nas fissuras da marginalização de corpos desobedientes de raça, gênero, classe y sexualidade, são elaboradas teorias y technologyas de existência, arquitetando criações y danças a partir de abismos sociais, políticos y artísticos. A Cultura Ballroom y a Performance Voguing, mais do que expressões artísticas y culturais, constituem espaços de invenção coletiva, nos quais corpos travestys inscrevem, no gesto y no brilho, uma cartografia própria do viver. São práticas que não se limitam à performance artística, mas instauram poéticas de sobrevivência que reinventam o tempo, o espaço y a própria corpa. O objetivo desta pesquisa é configurar teorias y technologyas travestys, compreendendo-as a partir da observação de diferentes culturas forjadas por travestys em sua incessante luta por existir y criar mundos possíveis. Busca-se demonstrar que tais práticas, frequentemente nascidas em territórios de exclusão, não apenas refletem condições marginais, mas inventam novas formas de comunidade, estética y política da vida, em diálogo com as epistemologias do Sul (Santos, 2007), que valorizam saberes produzidos em contextos historicamente marginalizados. A metodologia adotada é autoetnográfica, reconhecendo que a experiência pessoal, encarnada y situada da pesquisadora, atravessa y constitui o próprio campo de estudo. É na escuta da corpa y de sua memória que emergem chaves para compreender a performance como lugar de conhecimento. Como afirma Paul B. Preciado (2008),

¹ Artista y Pesquisadora da Cena, da CORPA y da Palavra. Doutoranda em Artes Cênicas pelo Instituto de Artes (IARTE/UFU) na linha de pesquisa Processos de Criação em Artes Cênicas. Doutoranda em Estudos Literários, na linha de pesquisa Literatura, Movimentos Sociais e Revisões do Cânone, pelo Instituto de Letras e Linguística (ILEEL/UFU). Mestra em Artes Cênicas, Licenciada y Bacharela em Teatro, com habilitação em Interpretação Teatral, pela Universidade Federal de Uberlândia. Suas pesquisas artísticas, vitais y acadêmicas se articulam nas interseções entre Performance, Dança, Teatra, Moda y Literatura, em diálogo com Deserções Identitárias, Traições de Gênero, Fracassos Cistêmicas, Dissidências Sexuais, Relações Étnico-raciais, Po/éticas y Políticas do CU, Teoria y/ou Analítica Byxa y Epistemologias Travesty. (CAPES) whander106@hotmail.com



“todo corpo é uma ficção política”; nesse sentido, a corpa travesty se configura como laboratório de imaginação, desejo y futuro. A pesquisa contribui para ampliar epistemologias ainda pouco exploradas na academia, oferecendo uma perspectiva crítica y poética sobre as práticas travestys, suas tecnologias de existência y os modos singulares de teoria, criação y produção de conhecimento que elas engendram.

Palavras-chave: Teorias, Tecnologias, Travestys, Cultura Ballroom, Performance Voguing

ABSTRACT

This work investigates how, within the fissures of the marginalization of disobedient bodies shaped by race, gender, class, and sexuality, theories and technologies of existence are elaborated, architecting creations and dances from social, political, and artistic abysses. Ballroom Culture and Voguing Performance, more than artistic and cultural expressions, constitute spaces of collective invention, in which travesty bodies inscribe, through gesture and brilliance, their own cartography of living. These are practices that are not limited to artistic performance, but rather establish poetics of survival that reinvent time, space, and the body itself. The objective of this research is to configure travesty theories and technologies, understanding them through the observation of different cultures forged by travestis in their incessant struggle to exist and to create possible worlds. It seeks to demonstrate that such practices, often born in territories of exclusion, do not merely reflect marginal conditions, but invent new forms of community, aesthetics, and life politics, in dialogue with the epistemologies of the South (Santos, 2007), which value knowledge produced in historically marginalized contexts. The methodology adopted is autoethnographic, recognizing that the researcher's personal, embodied, and situated experience traverses and constitutes the field of study itself. It is through listening to the body and its memory that keys emerge for understanding performance as a site of knowledge. As Paul B. Preciado (2008) states, “every body is a political fiction”; in this sense, the travesty body is configured as a laboratory of imagination, desire, and future. The research contributes to expanding epistemologies still little explored within academia, offering a critical and poetic perspective on travesty practices, their technologies of existence, and the singular modes of theory, creation, and knowledge production that they engender.

Key words: Theories, Technologies, Travestys, Ballroom Culture, Voguing Performance

A crise é, sempre, o problema que surge quando o novo ou a diferença irrompe.²

² Leal, 2021, p. 20



As últimas cor/e/o/grafias elaboradas pela mynha corpa foram tentativas fracassadas de configurar, na contemporaneidade, ontoepistemologias a partir das artes da cena, em uma simbiose contínua com essa materialidade terráquea que não se sustenta sem artifícios, insistindo na artificialidade como o único dispositivo de permanência vital, não somente como escolha est/ética, mas como condição ontológica de existir y persistir.

Mais do que uma teórica falha, me arquiteto como uma provocadora de crises discursivas, políticas, cênicas y est/éticas, que atravessam regimes de representação, pedagogias corpóreas, economias do visível y pactos normativos de inteligibilidade. Há multiplicações das diferenças que nem sempre elaboram o novo, pelo contrário, talvez estejam repetindo o que já foi dito ou feito, não por falta de invenção, mas por insistência. Entretanto, costurando com lynhas mais esCURas, com performPassividades Travestys y com o desejo incontrolável de me tornar imensurável, ingovernável aos cálculos, às métricas y às políticas de reconhecimento.

As crises que provoco nas teorias não operam como negação do pensamento, mas como sua deformação deliberada. Ao tensionar categorias, métodos y vocabulários, faço da teoria um campo instável, atravessado por falhas, desvios y contamin/ações, em que o saber deixa de aspirar à coerência y à totalidade. É nesse colapso produtivo que se engendra uma teoria y tecnologia travesty: não como modelo, mas como prática situada, artificial y insurgente, fabricada na fricção entre corpa, cena y mundo. Trata-se de uma teoria que não busca explicar a vida, mas produzir condições para que existências imensuráveis persistam, escapando às políticas de captura, legibilidade y normalização.

É nesse terreno de crise, fracassa y artificialidade que se engendra o que este ensaio nomeia como Teoria Travesty. Não como sistema estabilizado nem como campo disciplinar, mas como modo de produção de conhecimento que emerge de



corpas historicamente posicionadas fora dos regimes legítimos de saber y inteligibilidade. Em diálogo com as Epistemologias do Sul formuladas por Boaventura de Sousa Santos (2007; 2010), compreende-se que tais corpos habitam o lado abissal da produção moderna do conhecimento, em que determinados modos de existir y pensar são produzidos como inexistentes. Ao mesmo tempo, essa formulação se aproxima dos saberes situados de Donna Haraway (1995), ao afirmar que todo conhecimento é parcial, encarnado y implicado. A Teoria Travesty emerge, assim, não como déficit epistêmico, mas como excesso indisciplinável às gramáticas hegemônicas, afirmando a marginalização não como falta, mas como potência de invenção, deformação y sabotagem do saber.

A Teoria Travesty não se organiza pela separação entre sujeito y objeto, corpa y pensamento, experiência y conceito. Ela se produz como prática situada, corporificada, passiva y relacional, no qual pensar sempre esteve implicado no risco de não existir. Nesse sentido, dialoga com as críticas de Judith Butler (2015) aos regimes de inteligibilidade que definem quais vidas são reconhecidas como vivíveis, ao mesmo tempo em que radicaliza essa crítica ao inscrever o pensamento na corpa exposta à violência estrutural. Pensar, aqui, não antecede a vida nem se coloca à sua margem: emerge no próprio esforço de persistir, cor/e/o/grafar y continuar existindo.

Diferentemente das teorias normativas, que aspiram à universalidade, à neutralidade y à estabilidade conceitual, a Teoria Travesty opera pela contingência, pela repetição deslocada, pela fracassa y pelas artes da cena. Nesse ponto, ela se aproxima do que Jack Halberstam (2020) compreende como o potencial político do fracasso, não como perda, mas como recusa aos imperativos de sucesso, progresso y normalização. Seu rigor não reside na coerência formal ou na abstração, mas na capacidade de sustentar a vida, reorganizar o sensível y produzir modos provisórios de legibilidade para corpos historicamente tornadas ilegíveis. Trata-se de uma Teoria



que não representa o mundo à distância, mas o intervém corporalmente, fazendo do gesto, da cena y da relação modos efetivos de pensamento.

É nesse mesmo horizonte que se configuram as *Tecnologias Travestys*: não como tecnologias no sentido moderno, instrumental y progressista, mas como operações localizadas de vida produzidas por corpos travestys em contextos de violência estrutural. Aqui, a corpa é compreendida como campo tecnolójyco, em diálogo com as formulações de Paul B. Preciado (2014; 2018) sobre os regimes contemporâneos de produção do corpo y do desejo, y com as reflexões de Achille Mbembe (2018) sobre os dispositivos que governam a vida y a morte. As *tecnologias travestys* dizem respeito a práticas passivas, cênicas, corporais, relacionais, afetivas, est/éticas y espaciais que tornam possível a persistência da vida ali onde os dispositivos normativos produzem aniquilação, exclusão ou ilegibilidade.

Montar a corpa, fabricar parentesco, cor/e/o/grafar contradições, produzir arquivo vivo y reorganizar o tempo operam como *Tecnologias Travestys* na medida em que sustentam a existência y produzem mundo. Não servem à otimização do sistema, mas à sua fricção, à sua sabotagem y à invenção de outras formas de vida possíveis. Nesse sentido, aproximam-se da compreensão de José Esteban Muñoz (2022) da performance como gesto que produz horizonte, mundo y possibilidade, mesmo quando operada desde a precariedade.

Com essas chaves, este ensaio propõe compreender práticas como a Cultura Ballroom y a Performance Voguing não como objetos culturais a serem interpretados desde fora, mas como arenas passivas de produção de Teoria y Tecnologia, nos quais pensar y viver se tornam gestos indissociáveis, performados no limite entre crise y persistência, do lado abissal em que a vida insiste em existir apesar de tudo.



EPISTEMOLOGIAS TRAVESTYS: Pensamento corporificado y produção do impossível

Este ensaio nasce de uma recusa: a recusa de pensar a teoria como um exercício asséptico, neutro y distante das urgências da vida. TTT – Teorias y Tecnologias Travestys emerge das fissuras abertas por regimes coloniais, raciais, cisheteronormativos y capitalistas que historicamente produziram determinadas corpos como descartáveis, ilegíveis ou excessivos. Não se trata de investigar a margem como objeto de análise, mas de pensar com ela, reconhecendo que é precisamente nos abismos que se fabricam modos sofisticados de existência, pensamento y criação.

A modernidade ocidental instituiu um projeto de mundo baseado em separações fundantes: corpo y razão, natureza y cultura, sujeito y objeto. Essas cisões, como denunciam Denise Ferreira da Silva (2019) y Achille Mbembe (2018), não são apenas epistemológicas, mas profundamente políticas. Elas sustentam uma arquitetura de poder que depende da racialização da diferença y da produção sistemática de zonas de morte. Corpos pretos, trans y travestys foram lançadas para fora da esfera do humano reconhecível, situadas no campo do risco permanente, da suspeita y da violência. Ainda assim, essas corpos não cessaram de pensar. Apenas o fizeram por outras vias, recusando os protocolos de legitimidade impostos pelo pensamento hegemônico.

Boaventura de Sousa Santos (2007) propõe o conceito de pensamento abissal para nomear a linha que separa o que é considerado conhecimento do que é descartado como crença, superstição ou ignorância. No entanto, as Teorias Travestys aqui mobilizadas não buscam atravessar essa linha em direção ao centro. Elas habitam o abismo, transformando-o em lugar de invenção epistemológica. Trata-se de um pensamento que não reivindica reconhecimento nos termos do universal moderno, mas que fabrica seus próprios critérios de validade, rigor y verdade.



Nesse sentido, TTT aproxima-se da noção de consciência fronteiriça elaborada por Gloria Anzaldúa (1987), para quem a fronteira não é apenas geográfica, mas epistêmica y corporal. Habitar a fronteira implica viver em permanente estado de tradução, fricção y contradição. As corpos travestys operam precisamente nesse entrelugar, em que o pensamento não se estabiliza, mas se move conforme as exigências da sobrevivência. Pensar, aqui, não é ordenar o mundo, mas negociar com ele.

Configurar epistemologias feitas por travestys implica reconhecer que o conhecimento não se produz apenas por meio da escrita acadêmica, mas também pelo gesto, pela performance, pela linguagem cifrada, pela est/ética do excesso y pela fabulação. Oyèrónké Oyěwùmí (1997) demonstra como as categorias de gênero que estruturam o pensamento ocidental não são universais, mas produtos históricos de um projeto colonial. As Teorias Travestys, ao tensionarem essas categorias, expõem o caráter localizado y violento das epistemologias dominantes.

Fred Moten (2017) sugere que há um saber que só se produz no ruído, na falha, no improviso, naquilo que escapa à captura disciplinar. As travestylidades produzem exatamente esse tipo de conhecimento: um pensamento que não se organiza pela coerência linear, mas pela montagem precária, pela repetição deformada, pelo desvio. Jack Halberstam (2011) já havia apontado o fracasso como estratégia queer, nas epistemologias travestys, a fracassa deixa de ser apenas est/ética y se torna condição ~~metodológica~~ ontológica.

Jota Mombaça (2021) contribui para essa discussão ao afirmar que corpos dissidentes precisam produzir estratégias de opacidade para não serem completamente capturados pelos regimes de visibilidade colonial. As Teorias Travestys, nesse sentido, não se oferecem inteiramente à leitura. Elas preservam zonas de sombra, silêncio y segredo. Não por falta de elaboração, mas como tecnologia de sobrevivência.



TTT nomeia, portanto, teorias que não aspiram à estabilidade nem à totalidade. São pensamentos precários, instáveis, montados y desmontados conforme as exigências da vida ameaçada. São epistemologias que não se pretendem universais, mas situadas, encarnadas y insurgentes. Pensar, aqui, é um ato de risco – é abrir-se à experimentação, à falha produtiva y à fricção criativa – y, justamente nesse gesto, inventar mundos outros, mesmo quando tudo conspira para o apagamento.

MONTAR A CORPA, DESMONTAR O MUNDO: Technologyas Travestys de existir y Criar

Quando Paul B. Preciado (2014) afirma que todo corpo é uma ficção política, ele não propõe uma metáfora, mas revela um regime de produção. O corpo moderno é efeito de dispositivos médicos, jurídicos, farmacológicos, midiáticos y coloniais que definem o que pode ser reconhecido como vida legítima. A biologia, longe de ser neutra, opera como linguagem normativa. Nesse cenário, a corpa travesty não é exceção ao sistema: ela é sua falha visível, seu erro insistente, aquilo que denuncia o caráter fabricado do que se apresenta como natural.

Michel Foucault já havia apontado que o poder moderno se exerce sobre os corpos, produzindo sujeitos através de regimes de saber (Foucault, 1976). No entanto, as travestylidades revelam algo que extrapola a biopolítica: elas evidenciam que a corpa não é apenas objeto de poder, mas também arena passiva de invenção técnica. Ao manipular gênero, imagem, gesto y desejo, a corpa travesty transforma a si mesma em tecnologia viva, em dispositivo de reprogramação do sensível.

As technologyas travestys de existência não se limitam ao campo biomédico. Elas se produzem nas linguagens discursivas y cênicas, na criação de nomes, vocabulários y formatos de fazeres artísticos, na escritura de textos que partem das experiências em performance. Também se configuram na est/ética, montando y



desmontando suas corpa-imagens; no afeto, elaborando reinvenções de parentesco; y na performance social y política, com suas ações de deslocamentos, vocalidades, espacialidades y ocupações. Judith Butler (1990) formula o gênero como performatividade, entendendo-o como repetição regulada da norma. No entanto, nas travestylidades, essa repetição não visa a inteligibilidade normativa, mas sua corrupção interna. Nada nelas se submete à norma, seus modos de existir desenham mundos próprios, sempre além da norma, irreconciliáveis com qualquer expectativa de legibilidade.

Essa instabilidade aproxima-se daquilo que Marlene Wayar (2018) nomeia como “identidades em trânsito”, nas quais a corpa não se fixa, mas se reinventa continuamente como estratégia de sobrevivência. A travesty não performa para se adequar a nada, ela performa para continuar viva. Nesse sentido, a performance deixa de ser representação y torna-se infraestrutura.

Suely Rolnik (2018) propõe o corpo vibrátil como superfície sensível de escuta do mundo, capaz de registrar as violências y também as potências que atravessam a vida. As corpas travestys operam intensamente nesse registro vibrátil, respondendo ao intolerável não apenas com discurso racional, mas com invenção est/ética, com modulação do sensível. Trata-se de uma política micromolecular, onde cada gesto é resposta, mesmo que contraditória, a um mundo que insiste em ferir.

Jota Mombaça (2021) radicaliza essa discussão ao afirmar que existir fora da norma exige tecnologias de fuga, estratégias de opacidade y indisciplina. Nem tudo deve ser traduzido, nem tudo deve se tornar exposto. A existência travesty opera na margem do visível, nas dobras do não-dizível y nas brechas do controle, em que permanecer parcialmente indetectável se torna uma forma refinada de resistência y criação.



No contexto do capitalismo gore, analisado por Sayak Valencia (2010), no qual a violência contra corpos dissidentes é sistemática y espetacularizada, essas tecnologias tornam-se ainda mais complexas. A travesty habita um mundo onde a aniquilação é constantemente anunciada. Sobreviver, nesse cenário, não é apenas resistir, mas criar modos de vida desejáveis em meio ao colapso. O prazer, o brilho y o exagero deixa de ser frivolidade para se tornarem armas contra aa necropolíticas y necropornografias.

Paul B. Preciado (2020) avança essa discussão ao pensar o corpo contemporâneo como plataforma tecnopolítica, atravessada por fluxos farmacológicos, digitais y midiáticos. A corpa travesty, ao assumir conscientemente essa condição, não busca pureza nem autenticidade: ela aposta na montagem, na artificialidade y na mutação como princípios éticos. Não há essência a preservar, apenas processos a sustentar.

Assim, a corpa deixa de ser apenas suporte da teoria para se tornar seu próprio meio de produção. Ela não ilustra conceitos: ela produz pensamento. Pensar, nesse contexto, não antecede a vida, é um efeito colateral de continuar existindo. As tecnologias travestys não explicam o mundo, elas o reprogramam, ainda que de forma precária, instável y provisória.

A CORPA QUE PENSA EM CENA: Ballroom y Voguing como Teorias y Tecnologias Travestys

A Cultura Ballroom emerge historicamente como resposta direta à exclusão racial, sexual y de gênero produzida tanto pela sociedade branca cisheteronormativa quanto pelos próprios espaços gays hegemônicos. Criada majoritariamente por corpos negros y latinas dissidentes, a Ballroom não nasce como entretenimento, nem como expressão cultural no sentido domesticado do termo, mas como



infraestrutura material, relacional y epistêmica de sobrevivência. Ela organiza afeto, pertencimento, reconhecimento y legibilidade em um mundo que insiste em negar todos esses elementos às travestylidades.

Neste ensaio, é fundamental afirmar que Ballroom y Voguing não operam como objetos culturais a serem interpretados desde fora, mas como **Teorias y Technologyas Travestys**, isto é, como modos situados de produção de conhecimento, nos quais o pensamento se configura no gesto, na relação, na repetição, na falha y na cor/e/o/grafia coletiva. Trata-se de epistemologias encarnadas, produzidas em contextos em que existir é continuamente ameaçado, y que pensar nunca pôde se separar da urgência de viver.

Mais do que eventos, a Cultura Ballroom constitui um ecossistema relacional complexo, no qual as Houses funcionam como tecnologias sociais de parentesco escolhido. Essas formações desestabilizam a lógica da família nuclear moderna, analisada por Oyèrónké Oyěwùmí (1997) como parte central do projeto colonial de organização da vida y da diferença. No lugar da filiação biológica, instaura-se uma ética do cuidado baseada na convivência, na transmissão de saberes, na disciplina cotidiana y na proteção mútua. Ser Mother, Father ou Children em uma House não é metáfora nem encenação: é função vital, tecnologia de sustentação da vida em contextos de abandono estrutural.

bell hooks (2000) permite compreender esses arranjos quando propõe o amor como prática política em contextos de opressão. No Ballroom, amar não é abstração afetiva, mas prática concreta: ensinar a caminhar, a se posicionar, a se defender, a se apresentar y a permanecer viva. Cada House produz sua própria pedagogia corporal, um currículo informal no qual se aprendem técnicas corporais, historia y categorias da Cultura Ballroom, códigos de leitura do mundo, regimes de atenção y estratégias de enfrentamento da violência cotidiana. Trata-se de um saber produzido fora das instituições formais, mas indispensável à continuidade de vidas dissidentes.



As Balls operam como dispositivos de reorganização do tempo. Neles, a temporalidade linear da produtividade capitalista é suspensa, ainda que provisoriamente. Durante a ball, o agora se dilata: o passado da exclusão é reelaborado corporalmente y o futuro é ensaiado em cena. José Esteban Muñoz (2009) compreende a performance queer como um gesto utópico, um vislumbre de mundos ainda não realizados. A Cultura Ballroom constitui precisamente esse espaço-tempo em que o futuro pode ser experimentado, mesmo que sob risco, instabilidade y vigilância.

A categoria de dança Voguing não pode ser reduzida a um estilo ou a uma estética reconhecível. Trata-se de uma gramática corporal complexa, forjada na fricção entre violência estrutural, desejo y regimes normativos de visibilidade. Inspirada inicialmente nas poses das revistas de moda, dispositivos centrais na produção de uma estética branca, cisgênera y classista, a categoria Voguing opera por meio de apropriação, repetição y deslocamento crítico. Ao reinscrever essas poses em corpos historicamente excluídas desses regimes de representação, o Voguing não apenas expõe o caráter construído, técnico y político da elegância normativa, como também engendra uma tradução intersemiótica preta y travesty que reconfigura modos de perceber y produzir mundos, danças y estéticas. Nesse sentido, a categoria Voguing também se articula como uma ética da própria existência, na qual a construção social, identitária y estética de si se configura como gesto fundamental de afirmação, invenção y sobrevivência.

Judith Butler (1990) argumenta que o gênero se constitui pela repetição regulada das normas. Na categoria Voguing, essa repetição é tensionada até o limite, tornando-se exagero, saturação y comentário crítico. A pose nunca é apenas pose: ela funciona como enunciação corporal, como gesto político y como produção passiva de sentidos.



Susan Leigh Foster (2011), ao pensar a coreografia como forma de escrita, oferece uma chave fundamental para compreender a categoria Voguing como texto teórico em movimento. Cada categoria, como New Way, Old Way e Vogue Femme, estabelece critérios próprios de legibilidade, valor y reconhecimento, funcionando como conceitos encarnados que não apenas descrevem a materilaidade corpórea, mas o produzem enquanto campo de inteligibilidade. Diferentemente da escrita acadêmica, aqui o argumento se constrói na intensificação da presença, na sustentação y negociação dos olhares, na repetição como prática de inscrição y na elaboração sensível de si em relação ao outro.

André Lepecki (2012) propõe que a dança contemporânea carrega uma política da exaustão e da queda. Na categoria Voguing, essa política é radicalizada. Ca/ir não equivale a falhar, mas a interromper a linearidade do movimento, abrindo espaço para outras soluções corporais. Nesse contexto, o ca/ir também pode ser compreendido como um gesto de ruína dos modos de pensamento colonizados, desestabilizando as continuidades que sustentam a cisheteronormatividade. Essa lógica dialoga com o que Jack Halberstam define como a arte queer do fracasso, não apenas como recusa dos parâmetros normativos de sucesso, progresso y reconhecimento, mas como abertura para Teorias e Tecnologias Travestys que operam pela desmontagem y reinvenção dos modos de viver, perceber y habitar o mundo.

Ballroom y Voguing funcionam também como contra-arquivos vivos, em consonância com as formulações de E. Patrick Johnson (2018) sobre arquivos negros queer. Diante do apagamento sistemático das histórias dissidentes, essas práticas produzem memória em tempo real. Cada ball é registro, cada performance é testemunho situado, cada existência elabora sua corpa-testemunho. Preservar o passado, na cultura ballroom, é reinscrevê-lo continuamente na corpa, fazendo da memória não um arquivo, mas uma prática viva de atualização.



Essa dimensão arquivar não é nostálgica; ela é prospectiva. Kodwo Eshun (2003) propõe a fabulação como estratégia para pensar futuros negros que escapam à linearidade colonial do tempo. A Cultura Ballroom fabula futuros não por negação da violência do presente, mas por insistência em produzir pertencimento, reconhecimento y continuidade da vida em contextos de morte social.

Em contextos marcados pela espetacularização da violência y pela gestão diferencial da aniquilação, existir como travesty preta y/ou latina implica habitar permanentemente o risco. O Ballroom não elimina esse risco, mas cria zonas temporárias de reorganização da vida, em que outras regras de valor y reconhecimento podem operar.

Compreender a Cultura Ballroom y Voguing como Teorias y Tecnologias Travestys exige, por fim, deslocar a própria noção de teoria. Aqui, teorizar não é explicar o mundo à distância, mas produzir respostas corporais ao intolerável. O conhecimento não se fixa em textos, mas circula entre corpos, gestos, repetições y falhas. Trata-se de uma teoria que se faz na cena, no encontro y na insistência em continuar existindo.

PALAVRAS FINAIS

Este ensaio não se encerra porque as existências travestys que o atravessam também não se encerram. Ballroom, Voguing, memória, autoetnografia y fabulação não são campos estanques, mas operações interligadas de invenção y sobrevivência. Configuram modos de produzir mundo, de organizar afetos, de fabular futuros y de tornar legíveis corpos historicamente invisibilizados.

Escutar a memória corporal, dançar com o erro, fabular com a falha — esses gestos são tecnologias de existência que desestabilizam normas, reinventam



temporalidades y expandem possibilidades de comunidade. Tal como no Voguing, ca/ir não é fracassar: é inventar outro gesto, outro saber, outro modo de existir.

As Teorias y Technologyas Travestys recusam a conclusão como gesto de autoridade. Concluir seria interromper o fluxo que só existe em movimento. Por isso, estas palavras finais oferecem gestos provisórios, instáveis, fragmentados, convites à continuidade da dança, à invenção de mundos, à persistência da corpa que insiste. Enquanto houver corpas travestys criando, falhando y insistindo, haverá teoria em movimento: indisciplinada, encarnada y irredutivelmente viva. Pensar, para as travestys, nunca foi um luxo: sempre foi uma prática de fabulação, invenção y insistência em existir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANZALDÚA, Gloria. **Borderlands/La frontera: a nova mestiça**. Tradução de Carmen Oliveira. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2023.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

BUTLER, Judith. **Vida precária: os poderes do luto e da violência**. Tradução de Andreas Lieber. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

ESHUN, Kodwo. **Further Considerations on Afrofuturism**. *CR: The New Centennial Review*, v. 3, n. 2, p. 287-302, Summer 2003.

FERREIRA DA SILVA, Denise. **A dívida impagável**. Tradução de Amílcar Packer et al. São Paulo: Oficina de Imaginação Política; Fundação Bienal de São Paulo, 2019.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1976.

HALBERSTAM, Jack. **A arte queer do fracasso**. Tradução de Bruna Della Torre de Carvalho Lima. São Paulo: Cepe Editora, 2020.

HARAWAY, Donna. **Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial**. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 5, p. 7–41, 1995.



LEAL, Abigail Campos. **Ex/orbitâncias: Os caminhos da deserção de gênero**. São Paulo: GLAC edições, 2021.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. Tradução de Renata Santini. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

MOMBAÇA, Jota. **Não vão nos matar agora**. São Paulo: Cobogó, 2021.

MUÑOZ, José Esteban. **Utopias queer: o então e o lá da futuridade queer**. Tradução de Leonardo De Marchi. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. **A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero**. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

PRECIADO, Paul B. **Manifesto contrassexual**. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: N-1 Edições, 2014.

PRECIADO, Paul B. **Testo junkie: sexo, drogas e biopolítica**. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

PRECIADO, Paul B. **Um apartamento em Urano: crônicas da travessia**. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

ROLNIK, Suely. **Esferas da Insurreição**. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes**. Novos Estudos CEBRAP, São Paulo, n. 79, p. 71–94, 2007.

VALENCIA, Sayak. **Capitalismo Gore**. Barcelona: Melusina, 2010.

WAYAR, Marlene. **Travesti: una teoría lo suficientemente buena**. Buenos Aires: Muchas Nueces, 2018.